

# O DIABO NOS CONTOS A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS E EM CARTAS DE UM DIABO A SEU APRENDIZ, DE C. S. LEWIS: TEMPOS E NARRATIVAS<sup>1</sup>

## THE DEVIL IN A CHURCH OF THE DEVIL BY MACHADO DE ASSIS AND IN LETTERS FROM A DEVIL TO HIS APPRENTICE BY C. S. LEWIS: TIMES AND NARRATIVES

César Martins de Souza<sup>2</sup>  
Weverton de Paula Castro<sup>3</sup>

**RESUMO:** O estudo da literatura como fonte permite analisar a sociedade por diferentes ângulos aprofundando olhares entre a estética, temporalidades e religiosidade. No presente artigo são analisadas obras de dois autores internacionalmente reconhecidos, Machado de Assis e C. S. Lewis, para problematizar a personagem Diabo, que se modifica ao longo de diferentes narrativas e temporalidades nas sociedades ocidentais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; C. S. Lewis; Diabo na literatura; Cristianismo.

**ABSTRACT:** The study of literature as a source allows us to analyze society from different angles, deepening views between esthetics, temporalities and religiosity. In this article, works by two internationally recognized authors, Machado de Assis and C.S. Lewis, are analyzed to problematize the character Devil, who changes throughout different narratives and temporalities in Western societies.

**KEYWORDS:** Machado de Assis, C. S. Lewis, Devil in literature, Christianity.



10.23925/2176-4174.v1.2024e67025

Recebido em: 03/06/2024.

Aprovado em: 04/06/2024.

Publicado em: 04/06/2024.

<sup>1</sup> O presente artigo faz parte do projeto Dilemas do Mundo Contemporâneo e Teologia, que conta com o apoio da Propesp/UFGA, a qual agradecemos.

<sup>2</sup> Doutorado em História (UFF). Universidade Federal do Pará (UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4530-4844>. Email: cesar@ufpa.br

<sup>3</sup> Mestrado em Ciências da Religião (UFPA). Associação Norte do Pará (UNB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4944-904X>. Email: weverton.castro@live.com

## Introdução

A personagem do Diabo ocupa um papel de destaque no imaginário da cultura ocidental. Não menos importante é o seu papel na literatura. Porém, suas representações são tantas que é possível falar de “Diabos”, ou como prefere Ricardo Silva (2012, p. 255) “personagens-diabo”.

Retratado na Bíblia como a Serpente e Estrela da Manhã no Antigo Testamento, Satanás e Anjo Caído no Novo Testamento (ISAÍAS 14: 12-15 e APOCALIPSE 12:9), sua história tem sido contada e recontada na literatura por autores das mais diferentes épocas e culturas. Esta personagem povoa o imaginário cinematográfico ocidental, expresso em diversos filmes, sobretudo de terror, como *Advogado do diabo* (1997) ou narrativas orais e escritas que vão da forte presença no cordel, nos quadrinhos, bem como nos demais gêneros literários.

A *divina comédia*, escrita em 1321 por Dante Alighieri; *O paraíso perdido*, de John Milton, publicada em 1667 e acrescida de dois novos cantos em 1674; *O Fausto*, de Goethe, a versão mais conhecida do mito de Fausto, a qual imortalizou a figura de Mefistófeles e torna o pacto com o Diabo uma temática universal. Podemos citar também Charles Baudelaire (1821-1867) e suas *Litanias de Satanás*, além das obras de outros escritores como Shakespeare, Thomas Mann e Paul Valéry. *O arqui-inimigo Belfegor*, de Machiavel; *O diabo coxo*, de Luis Vélez de Guevara; *O recibo do diabo*, de Walter Scott; e *O diabo no campanário*, de Edgar Allan Poe.

Como objeto de pesquisa, é muito densa, tensa, complexa e provocativa a figura do Diabo retratada nas obras literárias pelas diversas possibilidades analíticas e de linguagens que permite olhar o cristianismo por um ângulo geralmente pouco revisitado. É um personagem que tanto pode ser representado ou narrado como ridicularizado em algumas obras, como nos cordéis analisados por Oliveira e Vargas (2019), quanto retratado como “mentor e articulador do mal que povoa a terra” (MENON, 2019, p. 218).

O personagem diabo ganha força na literatura porque povoa o imaginário cristão como um ser controverso, complexo e poderoso que pode ser o assustador perpetrador do mal ou o inimigo derrotado por Deus. Nessa perspectiva, o presente texto se detém em trabalhos de dois consagrados autores da literatura brasileira e

universal: do brasileiro Machado de Assis (2007), no conto intitulado *A igreja do diabo* e do britânico C. S. Lewis (2017), em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*.

Diante dessas tantas representações do Diabo, realizadas por tantos autores distintos, as características satânicas diferem de acordo com a obra literária e seu autor. É possível inferir que o Diabo na obra machadiana é tão diferente do apresentado na literatura lewisiana ao ponto de ser, diametralmente oposto. Mas de que forma isto ocorre? De que maneira as representações diferem? Estas indagações conduzirão o diálogo entre as representações do Diabo nos contos *A igreja do diabo* de Machado de Assis e em *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis.

### **Literatura, sociedade e cristianismo**

Após o decreto da morte de Deus pela filosofia de Nietzsche durante o século XIX, todo o conjunto de pensamento teológico e metafísico recebe igualmente os efeitos mortais de tais críticas ao sistema ideológico cristão. Quando em sua obra *A gaia ciência* (2001), aforismo 125, o filósofo se refere aos coveiros que estavam “enterrando Deus”, indiretamente, ele estava matando o ser por excelência oposto à divindade: o Diabo, pois este apenas pode “sobreviver” na existência do Deus judaico-cristão.

Porém o afastamento entre Teologia, Filosofia e Ciência tem diminuído paulatinamente por meio da ponte da Literatura. Magalhães destaca que tal afastamento “existe de ambos os lados, seja pelos que se consideram guardiões da Bíblia como livro sagrado e inspirado, seja pelos que se consideram defensores de uma crítica literária que não reconhece o tema da religião como constitutivo e estruturante de parte da literatura ocidental” (MAGALHÃES, 2009, p. 16).

Esta relação entre Religião e Literatura tem despertado atualmente diversas pesquisas que passeiam por diferentes crenças, abordando temáticas diversificadas. Antônio Manzatto, um pesquisador do assunto desde a década de 1990, enfatiza que a literatura é uma representação do mundo em diferentes lugares e temporalidades, dialogando com a realidade social, fato que interessa à Teologia, pois ela aborda a problemática humana de uma forma na compreensão da presença do sagrado. Logo, nesta direção, a obra literária pode ser teológica ou apresentar um poder teológico (MANZATTO, 1994, p. 68).

Existe no meio acadêmico um crescente campo que analisa a relação entre a religião e a literatura. Porém, tal aproximação recebe diferentes classificações, a depender do viés religioso (ou não) de quem se propõe a tal tarefa. Para uns, colocar a Bíblia na mesma esteira de outros livros é diminuir o seu status de sagrada, como crê porção hegemônica do cristianismo. Por outro lado, existem aqueles que não enxergam problemas em colocar lado a lado textos sagrados de outros textos, pois acreditam que o uso da Bíblia em obras como as literárias, não diminuiria o valor dela.

Fernando Brum (2009) caminha na mesma direção ao defender que para se compreender as personagens que foram inspiradas na religião, é necessário recorrer aos textos religiosos. Segundo o autor, “desprezar o ambiente de criação de uma obra é perder uma parte de seu significado original” (BRUM, 2009, p. 16), isso porque, no processo de compreensão é importante “entender o contexto, buscar o sentido primeiro de uma expressão” (BRUM, 2009, p. 17).

Desta forma, as análises religiosas de obras literárias transpassam a barreira erguida entre o texto literário e o texto bíblico, libertando tais objetos, em certo grau, de interpretações dogmáticas, apresentando temas como Deus, Diabo, Igreja, sob novas perspectivas no mundo literário dos contos, romances, prosas e poesias, nesta aproximação dinâmica entre leituras e escritas religiosas e não religiosas.

Tal aproximação é feita com maestria pelas mãos de dois grandes autores no cenário da literatura mundial, que adentraram no universo sagrado da Bíblia, em seus temas e personagens, para construir trabalhos importantes da literatura brasileira e a universal: Machado de Assis, em *A igreja do diabo*, e C. S. Lewis, em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*.

### **Machado de Assis e os diálogos com a Bíblia**

O conto *A Igreja do Diabo* fez, em sua primeira publicação, fez parte do livro denominado *Histórias sem data*, lançado em 1884 pela editora Garnier, que trazia diversos contos provocadores e instigantes, uma marca do famoso escritor brasileiro: *Anedota pecuniária*; *Fulano*; *A segunda vida*; *Noite de almirante*; *Manuscrito de um sacristão*; *Ex Cathedra*. Marcado pelas características realistas, a narração construída em 3ª pessoa introduz o leitor o personagem-protagonista, o Diabo, o qual, no conto, segundo a narrativa de um antigo texto beneditino, tem o desejo de fundar sua própria

Igreja. Este, então, vai até Deus, e, após apresentar a nova ideia através de um diálogo sofista, volta à Terra para lançar a pedra fundamental de sua nova religião.

Dentre os vários autores que beberam da fonte bíblica para construir suas tramas encontra-se o escritor brasileiro Machado de Assis, o qual, entre sua vasta produção literária, dedicou boa parte de suas páginas para criar personagens que possuem ligação direta com a Bíblia.

O texto machadiano *O sermão do Diabo*, publicado na Gazeta de Notícias em 1892, como uma paródia das *Bem-aventuranças* registrada nos Evangelhos bíblicos, descreve um suposto sermão da montanha do Diabo, proferido sobre o Corcovado em semelhança o discurso de Jesus. Porém, contrariando o texto bíblico, no sermão do Diabo são exaltados os “que embaçam”, “os afoitos”, “os limpos das algibeiras”, “os que nascem finos”, os que comem aos outros, os que matam os irmãos para ganhar o reino da terra (ASSIS, 2015).

A capacidade de escrever sobre personagens considerados sagrados é uma liberdade que permite à literatura colocar sob novos olhares leituras marcadas por sensibilidades das crenças religiosas. Afinal, o que para um autor não passa de um aspecto cômico e irônico da narrativa, pode ser uma extrema ofensa para o indivíduo que considera o texto, ou o próprio personagem, como sagrado.

Um dos pioneiros que se propôs a analisar a influência religiosa nas obras machadianas foi o bispo brasileiro D. Hugo Bressane de Araújo em seu livro *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*. Bressane ressalta a influência católica na formação do homem Machado de Assis. Em sua infância, Machado (como às vezes é denominado) teve por preceptor o padre-mestre Silveira Sarmiento, que se ocupou em um período de sua vida como sacristão da Igreja de Lampadosa, e sua mãe, era conhecida como uma “alma simples, piedosa e cristã” (BRESSANE, 1978, p. 11). Este contexto aparece em diversas obras machadianas, pois, segundo Bressane, “os primeiros ensaios do sacristão da Lampadosa revelam claramente aquela tendência para o trato das coisas divinas” (BRESSANE, 1978, p. 11, 14, 16).

O bispo Hugo Bressane, por ocasião do centenário de Machado de Assis, escreveu um ensaio no qual apresentou uma perspectiva religiosa sobre as obras machadianas. Na introdução de sua obra, Bressane tenta estabelecer uma conexão entre Machado de Assis e a religião católica:

Saído da escola pública, Joaquim Maria teve por preceptor o padre-mestre Silveira Sarmento, e andou ocupado algum tempo no ofício de sacristão da Igreja de Lampadosa. É de crer que sua mãe, alma simples, piedosa e cristã, tivesse influído para que lhe dessem aquele emprego. O espírito juvenil de Joaquim Maria encheu-se logo de uma harmoniosa impressão de religiosidade (BRESSANE, 1978, p. 11).

Nas páginas subsequentes Bressane tenta descrever Machado como um não anticlerical nem “hostil à Igreja e ao clero.” (BRESSANE, 1978, p. 24). Tal afirmação nos lembra do contexto religioso no qual Machado de Assis foi criado, e a possibilidade da influência sobre suas publicações. Segundo Bressane (1978, p. 11), “os primeiros ensaios do sacristão da Lampadosa revelam claramente aquela tendência para o trato das coisas divinas”. Mesmo reconhecendo não haver registros que comprovem que Machado participou da sacristia da Igreja de Lampadosa, Bressane acredita que suas obras o confirmam, visto que nelas contém um “cabedal copioso para formosa antologia a se pudera com justeza apelidar: ‘Florilégio de um sacristão’” (BRESSANE, 1978, p. 11-16).

Como alicerce de seus argumentos, Bressane apresenta a obra *Esaú e Jacó* como evidência do conhecimento profundo que Machado tinha de temas religiosos. De fato, nesta obra, o escritor se utiliza da religião como pilar construtivo. Diante do evidente uso da religião na construção de suas tramas, é possível entender a conclusão de Bressane de que “a Bíblia foi para Machado de Assis fonte límpida em que hauria o lirismo que esplendidamente enriquece seus versos.” (BRESSANE, 1978, p. 22).

Contudo, Bressane faz uma categorização da obra de Machado de Assis em textos cristãos e não cristãos, na qual critica o que considera ser uma apropriação indevida e desrespeitosa de personagens e temas bíblicos para obras muitas vezes cômicas que pareceriam sarcásticas com o cristianismo e com a Igreja Católica. Bressane endereça suas críticas à forma com que Machado se utilizava da religião, o que se evidenciaria um dos obstáculos à aproximação da religião/Bíblia com a produção literária.

Por outro lado, Conceição (2013, p. 98) acredita que a categorização que Bressane faz da obra de Machado de Assis em cristãos e não-cristãos, obscurece o que é potencialmente relevante no texto machadiano, visto haver ausência de uma reflexão sobre as questões religiosas a partir do ponto de vista dos personagens machadianos. Por exemplo, na obra *Dom Casmurro*, o tema da religião está presente,

porém, segundo Conceição, a Literatura tem autonomia em relação à Teologia, o que lhe torna possível construir reflexões importantes para o ser humano sobre as religiões e a religiosidade, as trazendo sob diferentes ângulos e perspectivas.

Conceição traz em sua análise sobre obras machadianas, como *D. Casmurro*, a progressiva afirmação de um mundo desencantado que derivaria da quebra de uma promessa feita a um Deus que está morrendo ao longo da narrativa. Assim, nota-se fortemente o caráter antropológico da obra “como ponte e mediação das análises teológicas” (CONCEIÇÃO, 2003, p. 10).

O desencantamento do mundo é um tema importante que passa por alguns momentos da análise filosófica e sociológica, desde a morte de Deus, anunciada por Nietzsche (2001), até o seu ápice, em trabalhos de Pierre Bourdieu (2021), como *O desencantamento do mundo*, que teve sua primeira publicação em 1977. Para esse autor, a humanidade se encontraria na contemporaneidade sem a presença estruturante de anjos, deuses, demônios e encantados, como crenças concretas, pois já não cabia mais no mundo capitalista, e teria de lidar consigo mesma na busca por respostas e soluções diante de seus problemas. Nesse mundo desencantado, a literatura surge, na visão de Conceição (2013), como uma possibilidade de reencontrar o mundo encantado por um outro ângulo, como nas obras machadianas, que dialogam com o universo cristão, em visões não religiosas.

Outra importante crítica que Conceição (2013) faz à análise proposta por Bressane (1978) é o limite da aproximação entre o contexto religioso do autor e sua criação literária. Isso porque, ao se deparar com os aspectos religiosos da biografia de Machado de Assis, podemos afirmar que a literatura do escritor pode até ser construída por intermédio de um mosaico de influências, porém, é necessário resguardar-se do perigo de se ofuscar a autenticidade da obra ao vinculá-la fortemente à subjetividade do autor.

Assim, Machado de Assis, como outros grandes autores do Brasil e de outros países, bebeu nas fontes bíblicas para escrever obras inovadoras, problematizadoras e que mantêm a liberdade da criação literária, tendo entre seus protagonistas, o grande vilão do cristianismo, o diabo.

### **C. S. Lewis, pesquisador, apologista, escritor**



C.S. Lewis, “talvez o mais popular e influente apologista cristão do século 20” (LOVELL, 2003, p. 1), surgiu no meio acadêmico como um pesquisador de Literatura anglo-saxônica, que investiu muito na compreensão de narrativas populares e aos poucos se consolidou como escritor, sobretudo após a publicação de obras que logo obtiveram aceitação do grande público, como *O problema do sofrimento*, em 1940 e em 1942 um livro chamado *The Screwtape Letters*, traduzido no Brasil como *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Ambas as obras fizeram parte de um processo de consagração do escritor como popular e reconhecido nos meios literários e como um divulgador do cristianismo no âmbito da literatura.

Um dos mais importantes biógrafos recentes de Lewis, Alister McGrath (2013), considera que o escritor, nascido em Belfast, na Irlanda do Norte, em 1898, começou a desenvolver sua vida acadêmica, na área de Literatura Anglófona, porque “havia se apaixonado por Oxford, tanto por causa de sua impressionante arquitetura, quanto por sua rica herança intelectual” (McGRATH, 2013, p. 99). Lewis então passa a fazer o trajeto acadêmico, progressivamente se aprofundando em seus estudos, sobretudo relacionados à literatura britânica de origem celta, até vir a se tornar um professor de Oxford, onde iria galgar os passos que o levariam a consolidação de uma sólida carreira acadêmica.

Lewis que experimentou diversas posições sobre a religiosidade cristã e outras crenças, ao longo de sua vida, passou a se autodefinir como um ateu desde sua juventude e assim se posicionava como um pesquisador de Literatura Medieval, cada vez mais reconhecido nos meios acadêmicos. Em 1926, em um evento conhecido como “Chá Inglês”, na Universidade de Oxford, Lewis e Tolkien se encontram pela primeira vez e iniciam o que vem a ser uma sólida amizade, que ficou marcada por momentos de aproximação, esfriamento, conflitos e até afastamentos, ao longo de suas vidas (McGRATH, 2013).

A amizade entre ambos vai se desenvolver em vários níveis, sendo decisiva, por exemplo, no processo de construção de ambos como dois dos escritores mais importantes do século XX, principalmente em suas obras mais populares e que basearam filmes de *Hollywood*, algumas décadas depois, *As crônicas de Nárnia* (C. S. Lewis) e *O senhor dos anéis* (J.R.R. Tolkien). O encontro entre o já afamado linguista com o ainda jovem professor de literatura, acabou por se tornar em um capítulo importante em biografias sobre estes autores:



O relacionamento de Lewis com Tolkien é um dos mais importantes de sua vida pessoal e profissional. Ambos tinham muito em comum, tanto em termos literários como em experiências compartilhadas de campos de batalha da Grande Guerra [Primeira Guerra Mundial]. No entanto, a correspondência e os diários de Lewis contêm apenas referências eventuais a Tolkien antes do final de 1929, quando começam a emergir provas de um relacionamento cada vez mais profundo (McGRATH, 2013, p. 148).

Os dois amigos se tornaram parceiros de criação literária e construíram juntos com outros amigos, também pesquisadores, o grupo “Os Inklings”, que se reunia semanalmente em bares de Oxford, reconhecida cidade universitária inglesa, para conversar sobre pesquisas e literatura, beber, fumar, contar histórias e compartilhar momentos de suas vidas, em meio a debates e risadas (GASPAR; GREGGERSEN, 2021). Esse grupo foi importante não apenas na consolidação da amizade de ambos, como também no processo de criação literária e da conversão de Lewis, pois, segundo biógrafos, como McGrath (2013), Tolkien, católico, foi fundamental no processo de compreensão de Lewis sobre as lógicas do cristianismo e em sua consequente conversão, vindo a se tornar protestante.

No começo da década de 1930 emerge a figura de C.S. Lewis como cristão e escritor apologético, vindo a se afirmar cada vez mais neste cenário. Norris (2017), na introdução de uma das obras mais conhecidas de Lewis, *Cristianismo puro e simples*, relembra que este livro foi construído a partir de programas da rádio BBC, durante um momento difícil da Inglaterra, na Segunda Guerra Mundial, que era o desafio de repelir a tentativa de invasão nazista.

Os programas de Lewis o tornaram muito popular, pois funcionaram como um alento para a população assustada e sofrendo perdas significativas naquele momento. Lewis recebeu a incumbência de comunicar aos britânicos as principais crenças do cristianismo, e “executou esta tarefa como se fosse a coisa mais simples do mundo, e a mais importante” (NORRIS, 2017, p. 22).

Com a ajuda de amigos, principalmente Tolkien, vai então se aprofundar nos escritos de apologética em que a literatura, de um reconhecido professor da área, reúne os elementos de culturas por ele estudadas com as principais crenças do cristianismo. Em um cenário de destruição marcado pela Segunda Guerra, Lewis parte

em uma espécie de peregrinação, na tentativa de entender os enigmas da fé e chegar ao desvendamento do conhecimento sobre o Deus judaico-cristão:

Em Lewis, este despertar que produziu o desejo de busca pelo Mistério – ou, para usar suas palavras, encontrar e ser encontrado pelo “Outro Inimaginável ou Insustentável” – se deu por via da literatura, especialmente a literatura de fantasia. Dentre as obras que lhe trouxeram, em maior ou menor grau, lampejos da Alegria, destaca-se *Phantastes*, de George MacDonald, um conto de fadas que produziu um grande impacto na vida de Lewis (VASCONCELOS, 2012, p. 620).

Deus, como o Mistério, se tornou a obsessão de Lewis, não somente de compreensão, como também de difusão de uma mensagem a ser compartilhada. A apologia cristã surge como um caminho trilhado em seus estudos de literatura, assim como o encantamento que as fantasias despertavam em sua vida, desde a adolescência, o levaram a adentrar na sua própria criação. É assim que surgem as obras mais conhecidas deste autor, trazendo símbolos próprios do cristianismo, como a figura do leão, metaforizando Cristo, em narrativas recheadas de fantasia e crenças híbridas, com as quais teve contato em suas pesquisas.

Suas obras seriam um caminho na busca humana pelo sentido e pela beleza. Em palestras chegou a afirmar que há muitas semelhanças entre o cristianismo e outras religiões e que a literatura pode destacar alguns destes aspectos. Em sua visão, as grandes religiões monoteístas se baseiam em narrativas e poderiam, portanto, comportar novas narrativas. Assim, se abre a possibilidade de criação de obras literárias, marcadas pela intertextualidade e hibridismo, pois:

argumenta que o cristianismo oferece uma grande narrativa que atribui sentido a todas as coisas e dá origem a subnarrativas; essa história dominante e esclarecedora, conforme Lewis, é o que corresponde ao profundo anseio humano por beleza, relevância e sentido.

(...) Para C.S. Lewis, a beleza evoca um ideal mais real que qualquer coisa que encontramos neste mundo transitório, despertando um sentimento de saudade de um reino do qual temos uma vaga lembrança e do qual estamos atualmente exilados (McGRATH, 2013, 2015, p. 154 e 155).

A literatura de Lewis, em obras como *As crônicas de Nárnia*, traz a reunião entre crenças populares, outras religiões e fantasia na construção de narrativas sobre o caminho para um outro reino, ainda não conhecido, onde as impossibilidades parecem

se tornar possíveis e onde o sobrenatural assume outras facetas. Esse é um fenômeno que também ganha destaque em *O grande divórcio* (LEWIS, 2020), no qual se destacam os elementos sobrenaturais e a passagem para um outro reino.

A fantasia também se faz presente na obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (LEWIS, 2017), pois as cartas de aconselhamento de um diabo mais experiente para seu jovem sobrinho, traz elementos sobrenaturais e a fantasia, para construir uma narrativa em que se destacam a visão crítica sobre a sociedade e o próprio cristianismo, bem como alguns elementos fundamentais das crenças cristãs.

### **O diabo na literatura**

A figura do diabo é muito recorrente no imaginário cristão, marcando também presença nas artes plásticas, na música, em filmes e na literatura. Transita entre o personagem assustador, causador de todos os males, até a figura cômica, que pode entreter com posturas não apenas antagônicas ao cristianismo, pois é envolvido em tramas paradoxais entre o bem e o mal, o certo ou o errado.

O livro *O diabo no imaginário cristão* (NOGUEIRA, 2002) desenha um panorama histórico no qual encontramos elementos para compreendermos a estrutura da figura do Diabo. De acordo com Nogueira (2002) a Bíblia, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, é o ponto de partida para a formação deste personagem personificador do mal, destacadamente no período da Idade Média, no qual, segundo o autor, ocorre a Institucionalização do Diabo.

Sua imagem é associada, em sociedades judaico-cristãs ocidentais, como oposta a Deus, pois expressaria a representação máxima do mal e o completo contraste com o divino. No cristianismo, seu relacionamento com a divindade é a construção de uma guerra incessante entre o bem e o mal que se estende a todos os campos do planeta: como um Grande Conflito, onde toda a humanidade estaria envolvida.

Na visão de Menon (2008), o Diabo, enquanto personagem literário, é muitas vezes retratado de forma cômica, aparecendo em alguns casos como o “pobre diabo” e em outros como um ser dotado de poder para destruir e provocar horror. Menon (2008), destaca ainda que o Diabo é uma figura muito presente em todo o imaginário ocidental e na literatura.

A presença de temas do cotidiano das sociedades em obras literárias, ocorre porque, segundo Eagleton (2014), a literatura se mantém viva e como referência ao diálogo social, quando seus personagens e narrativas traduzem anseios e temores para além de uma temporalidade específica, na forma de comunicação dos temas que são abordados. O Diabo vem a ser assim um personagem que expressa dramas e temores de sociedades marcadamente judaico-cristãs, ao longo de diferentes tempos. Na análise de Plantinga (2012), na lógica do cristianismo o Diabo foi criado por Deus, muito antes da humanidade e rompeu com o Criador, rebelando-se e trazendo o mal sobre a Terra, de forma que passou a ser visto como a personificação do mal no mundo, traduzindo angústias e desejos, bem como os desafios e escolhas de todos os indivíduos.

Na literatura, este perpetrador do mal assume diversas facetas ao longo de diferentes períodos e abordagens, que mostram variadas possibilidades de visão sobre ele, enquanto personagem presente na História. Umberto Eco (2007) em dois subcapítulos de *Historia de la fealdad* intitulados *Las metamorfosis del diablo* e *Del satanás rebelde al pobre Mefistófeles* explora as representações do Diabo, denominadas pelo autor como Metamorfoses.

Estas chegam em seu último estágio ao apresentá-lo como um ser com qualidades demasiadamente humanas. Como a imagem de Mefistófeles, um Diabo medíocre dotado da mesquinhez de um pequeno-burguês, será o modelo às representações de Dostoievski, Giovanni Papini e Thomas Mann (ECO, 2007, p.179). Sua imagem, a qual ganhará mais adeptos no período moderno, é mais humana. Sua batalha deixa de ser no céu e passa para a terra. Não mais diretamente Deus, mas a humanidade como o alvo de exacerbação de sua oposição à figura de seu próprio Criador.

Desta forma, pode-se afirmar que em ECO (2007) e NOGUEIRA (1986) há pelo menos duas representações básicas e opostas do Diabo: Divina *versus* Humana. Na primeira, que, segundo Eco, se consolidou no universo Medieval, suas características são baseadas no diálogo com Deus, buscando seu oposto, já num período mais Moderno e Contemporâneo, ele é representado a partir de características humanas. Como resume Ricardo Silva (2012, p. 259): “o Diabo, sinônimo de maldade na Idade Média, representou algo a se temer e respeitar. Já na Modernidade passou a representar algo a se identificar e se compadecer.”

As mudanças de Satanás ao longo do tempo ocorrem, na visão de Vitiello (2018), porque desde o cristianismo, ele passou a representar o mundo da humanidade, das coisas humanas, apegadas a este tempo e, portanto, “o reino da exterioridade” (2018, p. 175). Essa exterioridade se revela nas ações que expressam a interioridade dos seres humanos. Mais do que um antagonista entre bem e mal, o Diabo expressaria a oposição entre um reino de valores e práticas elevadas e um reino deste mundo, que foi contestado e apontado por Jesus como uma armadilha (VITIELLO, 2018). Este autor destaca que Jesus falaria de um tempo que congrega passado-presente-futuro, enquanto Satanás fala do presente como um valor da vida em si mesmo, do apego a volatilidade e mesquinhez da vida que coisifica o planeta e as pessoas.

A presença do Diabo na literatura, ganha ainda mais força quando entendemos esses antagonismos, pois a literatura, como todas as diferentes formas de arte, “é nosso sonho mais ardente” (MURDOCH, 2013, p. 129) e ao mesmo tempo traz a possibilidade de traduzir, em diferentes linguagens, nossos pesadelos. O diabo enquanto personagem literário, seria assim a figura do contestador, ilusionista e sedutor porque traz os desafios dos humanos em seu tempo, tanto em seus desejos, quanto em seus temores, valores, crenças, realizações e ética. Ele pode ser, portanto, o antagonista de Deus, ou uma figura que traz em si mesma as características dos seres humanos.

Estas características divergentes das representações do Diabo nos guiarão na busca dos contrastes dos personagens-diabo do conto *A igreja do diabo* de Machado de Assis e *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis, dois autores consagrados entre os mais importantes da literatura brasileira e da universal.

Pensamos que a oposição da retratação do Diabo nestas duas obras pode ser compreendida a partir da dicotomia de representações: Divino X Humano. Ao passo que a abordagem machadiana acompanha uma visão contemporânea do Diabo, a representação lewisiana está mais ligada ao período medieval.

As duas obras são marcadas por formas diferentes de narrar e conceber figuras diabólicas, e que por isso mesmo possibilitam aprofundar diálogos sobre significados da presença deste ser nas artes e na sociedade, com múltiplos significados e paradoxos que se consolidaram para além do universo cristão.

*A Igreja do Diabo: da ironia a reflexão contemporânea machadiana*

Em *A igreja do diabo*, Machado de Assis, conhecido como “O Bruxo do Cosme Velho”, em referência a sua genialidade como escritor e ao bairro onde residiu por muitos anos, no Rio de Janeiro, mais uma vez traz diversos aspectos de sua obra que vão da narrativa aparentemente simples, porém marcada por complexidades nos dramas humanos que aborda, aos embates entre religiosidade, práticas humanas e as narrativas bíblicas.

No conto, traz um diálogo entre o Diabo e Deus, sobre os trabalhos demoníacos e sobre a humanidade em um formato que se assemelha na temática e no começo da narrativa ao livro de Jó, no Antigo Testamento, onde também há um diálogo entre o Criador e seu antagonista, tendo a humanidade como epicentro do debate. O conto, logo em seu começo traz a preocupação do Diabo com a reinvenção na metodologia de suas ações, para conseguir atingir seus objetivos em novos tempos:

\_Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuses de dissimulação... Boa ideia, não vos parece?  
\_Vieste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.  
\_Vai. (ASSIS, 2007, p. 184)

O conto carrega de forma irônica a ideia de que haveria espaços para diálogos entre Deus e o Diabo que aqui não assume a faceta desenhada como assustadora por artistas medievais, com forte presença nas igrejas católicas, como ocorre nos mosaicos do século XIII, no Batistério da Catedral de Florença, na Itália, em que Satanás devora as almas perdidas. No conto machadiano, ele é mais cômico, fala sobre assuntos contemporâneos e reflete sobre uma sociedade em que as transformações são mais rápidas e demandam ações práticas e urgentes dos demônios para que consigam atingir seus objetivos. Conversando com Deus, o Diabo então requeixa velhas acusações contra a humanidade como, por exemplo, de que seria ela forçada a obedecer a Deus pelos benefícios que Ele lhes oferece. Desse modo, nesta passagem do conto há uma destacada intertextualidade com o livro de Jó:

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.



\_ Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito de tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizer ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires (ASSIS, 2007, p. 185).

Hélen Sousa (2016) se debruça sobre a obra machadiana *A igreja do diabo*, a qual, apesar de usar o grande vilão da religião cristã como seu protagonista, não deixa de dever ao cristianismo sua inspiração. Sousa (2016) defende a existência de uma “intrínseca relação” entre a Religião e a Literatura, de forma que, no caso da obra de Machado de Assis analisada, não se pode compreender uma sem recorrer a outra como fonte de sentido. Em outras palavras, só consegue enxergar o personagem diabo em Machado de Assis, em toda sua complexidade, quando se compreende quem ele é originalmente no texto religioso.

Zília Schmidt e Edson Silva baseados nos conceitos bakhtineanos sobre a carnavalização<sup>4</sup> estruturam o conto *A igreja do diabo* “a partir da desarticulação do discurso religioso” (SCHMIDT; SILVA, 1978, p. 54). A começar pelo título que por si só já é uma paródia entre o divino (Deus) e o profano (Diabo). O conto de Machado de Assis é extremamente rico em alegorias, símbolos e intertextualidade. O texto apresenta o Diabo com características essencialmente humanas norteadas pelo intenso desejo de poder e a dominação.

Os autores reforçam que, no texto, a essência do mal, Lúcifer, não é concebida como um ser do qual emana apenas a maldade, mas também com qualidades apreciáveis como a beleza, a criatividade, a gentileza e a eloquência.

É nesse sentido que o Diabo age com inteligência ao longo do texto, trazendo perante Deus os princípios que iriam reger a Igreja do Diabo, como se fizessem parte natural do cotidiano das ações humanas. Luxúria, avareza, exploração, corrupção, soberba são alguns dos novos princípios que não funcionariam apenas como o oposto aos princípios divinos, mas como se fossem a própria ordem social vivida pelos humanos:

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era

---

<sup>4</sup> O discurso em que dialogismo (coexistência de consciências antiéticas, num mundo plural) e polifonia (reunião de materiais absolutamente heterogêneos) se atualizam inteiramente é o discurso do carnaval. Por carnavalização entende-se a influência do carnaval na literatura, e nos diferentes gêneros. Consultar Schmidt & Silva (1978).

uma simples invenção de parasitas e negociantes insoláveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo (ASSIS, 2007, p. 188).

Ele defende, portanto, uma nova ética baseada nas práticas da humanidade e nos prazeres que ela busca. Murdoch (2013, p.108), contudo, defende que “a ética não deve ser uma mera análise da medíocre conduta comum; deve ser uma hipótese sobre a boa conduta e sobre como ela pode ser alcançada”. A ética satânica seria então uma reprodução da medíocre conduta comum, por isso, na construção cômica do conto, Deus o acusa de ser vulgar, pois apesar de ser inteligente, não consegue avançar para além do fato em si e olhar o devir humano. Enoque (2023), compreende os diabos nos contos de Machado de Assis, como assumindo uma crítica social à afirmação do capitalismo e da sociedade burguesa na contemporaneidade, devido a ironia presente na defesa da venalidade e da exploração ao trabalho e o fim da solidariedade humana.

Por expressar os valores de seu tempo, logo o Diabo alcança sucesso, com sua igreja se espalhando por todo o planeta, mas se surpreende com o desenvolvimento de suas atividades, pois os humanos pareciam demonstrar um certo prazer em transgredir, até mesmo o que já nasceu como uma transgressão:

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabavam em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se à igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois, notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como dizem, às ocultas.

... A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas (ASSIS, 2007, p. 189).

Diante da aflição do Diabo e de sua incapacidade de compreender as pessoas em suas transitoriedades e incoerências, Deus, de forma irônica, lhe pergunta sobre suas dificuldades: “Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a

eterna contradição humana” (ASSIS, 2007, p. 190). É a conclusão cômica dos desafios da sociedade burguesa que se afirmava no Brasil e das contradições presentes na ética humana.

Na concepção de Bezerra (2003), as abordagens sobre a religiosidade das personagens machadianas, muitas vezes surgem como parte de uma construção narrativa que busca mostrar as contradições da sociedade burguesa que se afirmava no Brasil neste momento, como aparece na personagem Natividade, de *Esaú e Jacó*.

Em sua obra sobre o Bruxo do Cosme Velho, Brum faz uma análise qualitativa dos elementos religiosos na obra de Machado de Assis, onde ele dedica uma seção para falar da Bíblia. Ele inicia a sessão declarando que “é praticamente impossível criar uma história que esteja ligada às nossas origens como povo e não se deparar com algo parecido que já fora escrito nos livros da Bíblia” (BRUM, 2009, p. 123).

Ao analisarmos a progressão periódica dos textos machadianos selecionados tanto por Brum (2009) quanto por Bressane (1978), é possível inferir a presença da Bíblia desde as primeiras, até as últimas obras da fortuna crítica de Machado. De certa forma, independentemente de como ela é usada, a Bíblia é conservada por ele através da pena literária, ganhando novas formas, dando vida a novas tramas, e ganhando vida sob novos olhares, marcados pela ironia e comédia em narrativas densas que trazem fortes críticas sociais, como o faz em *A igreja do diabo*.

### **Cartas de um diabo a seu aprendiz**

The Screwtape Letters, traduzido no Brasil como Cartas de um diabo a seu aprendiz (LEWIS, 2017), foi um livro escrito em 1942 por C.S. Lewis e dedicado ao seu amigo J.R.R. Tolkien. Porém, o biógrafo Humphrey Carpenter (1979) trouxe à tona em sua obra *The Inklings* que, apesar de ter sido um dos best-sellers de Lewis, Tolkien de longe, não gostou de tal dedicatória, pois assustava-se com o fato de que um cristão se dedicar a escrever sobre a representação máxima do mal.

Na introdução de seu livro, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, Lewis, justifica sua obra ao alertar, em sua perspectiva, que os seres humanos podem cometer dois erros quanto ao assunto do demônio, que podem levar a humanidade a graves problemas em seu cotidiano e em sua existência:

nossa raça pode cair em dois erros igualmente graves, mas diametralmente opostos, quanto aos demônios. O primeiro é não

acreditar na existência deles. O outro é acreditar que eles existem e sentir um interesse excessivo e doentio por eles (LEWIS, 2017, p. 15).

Com esta declaração Lewis usa o espaço literário para tratar de um tema religioso, porém, ampliando as perspectivas ao libertá-lo dos conceitos dogmáticos cristãos e para justificar a importância de sua obra, trazendo como personagem central o principal antagonista do cristianismo, já que em sua visão seria um erro ignorar a sua existência e se concentrar apenas em Deus.

A defesa de seu livro se adianta aos críticos que, como Tolkien, poderiam enxergar de forma negativa, a escrita de uma obra sobre o Diabo, por um cada vez mais reconhecido apologista cristão (CARPENTER, 1979). Nesse sentido, o livro traz as cartas de um diabo experiente, Maldonado, para seu jovem aprendiz e sobrinho, Vermelindo, tentando ensinar como destruir as vidas dos humanos, se esquivando das ações do Inimigo, como eles denominam Deus. Em uma das cartas, Maldonado expressa como uma grande vantagem, quando os humanos ridicularizam ou ignoram a existência dos demônios:

O fato de que os “demônios” são figuras predominantemente cômicas na imaginação moderna irá ajudá-lo. Se qualquer suspeita tênue de sua existência começar a surgir na mente dele, sugira uma imagem de uma imagem em trajes vermelhos e convença-o de que, já que ele não pode acreditar nessas coisas (trata-se de um velho método de manual para confundi-los), também não poderá acreditar em você. Não esqueça da promessa que fiz de avaliar se devemos tornar o paciente um extremo patriota ou um extremo pacifista. Todos os extremos, exceto a devoção extrema ao Inimigo, devem ser encorajados (LEWIS, 2017, p. 47).

O diabo, nesta obra de Lewis, fica satisfeito com extremismos, inclusive de patriotas ou outros, porque desviariam o foco dos humanos na busca pelo sagrado. Eagleton, defende ideias semelhantes quando argumenta que o Novo Testamento não trata de cidadania responsável ou de amor à pátria, pois “não está muito preocupado com padrões de excelência civil ou códigos de boa conduta” (EAGLETON, 2020, p.189), nem com a “moral banal”, mas com a transformação profunda da humanidade em sua forma de ser e estar no mundo.

Para Maldonado, a visão de que o destino das nações é mais importante do que a destruição de almas dos indivíduos, prejudicaria a ação dos jovens diabos, pois

desviariam diabos inexperientes como Vermelindo, das ações mais relevantes para seus trabalhos:

A derrota de povos livres e a multiplicação de estados escravos são para nós um meio (além, é claro, de ser divertido), mas o fim real é a destruição dos indivíduos, pois somente os indivíduos podem ser salvos ou condenados, tornar-se filhos do Inimigo ou nosso alimento (LEWIS, 2017, p. 204).

A ironia é uma marca de todo o livro e, para Scutari (2020), fundamental para compreender as abordagens empregadas na narrativa. A ironia é colocada com força ao longo de toda a narrativa, e fica evidenciada na existência de uma Polícia Infernal, que faz o controle moral sobretudo dos jovens diabos, e de expressões como “que o Inferno nos livre”, da denominação de Deus como Inimigo, ou da existência de um Departamento de Inteligência, do Inferno. É uma forma de ironia que traz críticas e busca conduzir os leitores às reflexões sobre suas vivências cristãs.

O livro, na visão de Grün (2015, p. 121)), é marcado por um tom humorístico para descrever “esses ardis do mal”. Apesar de também destacar a relevância da obra de Lewis, Grün (2015, p. 121) também demonstra preocupação com o destaque que alguns cristãos dão ao diabo, ao invés de se concentrarem com maior força no divino, pois “em alguns círculos cristãos existe uma fixação no mal”. Esta é uma preocupação lançada por parte da crítica sobre a obra: de se dar demasiada relevância ao Diabo, no trabalho de um apologista cristão.

Apesar dessas preocupações, a obra, lançada em 1942, após a publicação em mais de trinta cartas ao longo de 1941 no importante jornal britânico, *The Guardian*, logo se tornou um grande sucesso de vendas, de grande repercussão entre o público e a imprensa da Inglaterra e dos Estados Unidos. Em poucos anos, este livro lhe concederia uma popularidade rara naquele momento entre escritores, sobretudo de apologética cristã:

No dia 08 de setembro de 1947, Lewis apareceu na capa da revista Time, que declarou que este “autor campeão de vendas”, que também era “o mais popular conferencista da Universidade de Oxford”, era “uma das vozes mais influentes do cristianismo em língua inglesa”. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* havia absolutamente conquistado a Inglaterra e os Estados Unidos (McGRATH, 2013, p. 255).

Em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, Lewis renova o universo cristão com o frescor da ironia e do humor, para defender que os cristãos não deveriam ignorar a existência do Diabo e nem suas estratégias para a destruição das vidas humanas. Para Scutari (2020), a ironia integrada ao humor, se constitui no fio condutor de toda a narrativa e traz um diabo com aparência medieval, sob uma forma mais cômica. Ao trazer a ideia de destruição da liberdade dos humanos como uma prática satânica opondo ao reino do Inimigo (Deus) que somente aceita o amor e a liberdade, ele ironiza as práticas de muitos professos cristãos que acreditam na imposição de valores, como uma defesa do cristianismo. Do mesmo modo, pensa que quem pretende se impor e sugar são os demônios: “Nós desejamos sugar, Ele deseja retribuir. Nós somos vazios e queremos ser preenchidos; Ele é pleno e, por isso, transborda” (LEWIS, 2017, p. 53).

Em tempos difíceis, marcados pelas atrocidades da Segunda Guerra, este livro, assim como os programas de rádio na BBC, representaram um frescor no universo cristão e logo concederam grande popularidade a C. S. Lewis. Mesmo não sendo bem aceito em alguns círculos acadêmicos de Teologia (McGRATH, 2013, p. 257), ele era visto entre o público e nestes mesmos círculos de forma positiva ao simplificar temas complexos, com humor, como o faz em *Cartas de um diabo a seus aprendizes*.

### **Concluindo...Dois diabos diferentes?**

A personagem do Diabo, figura emblemática no imaginário popular europeu devido à ascensão do cristianismo como religião dominante, passou por um processo de descontinuidade em sua representação ao longo dos séculos (NOGUEIRA, 2002). Se em dados momentos sua figura era retratada com terror nos afrescos das igrejas e telas renascentistas, em outros momentos ele é submetido a ironias e chacotas. Ao passo que ao mesmo tempo que houve uma “popularização” de sua imagem encontrada nos séculos XX e XXI nas telas dos cinemas, nos jogos de videogame, na publicidade, nas letras das músicas, na internet, nas histórias em quadrinhos... encontramos também uma banalização, que frequentemente nos leva a constatação diversos “Diabos” existentes na literatura universal (SILVA, 2012).

Historicamente é quase unânime que a figura do Diabo “ganha projeção na Idade Média” (MENON, 2008, p. 219), características que o acompanharam em toda a época moderna. Foi enfrentado pela exaltação da razão, e conseqüentemente, enfraquecido



pelos filósofos e cientistas no período do Iluminismo nos séculos XVII-XVIII, sendo resgatado, porém, pelos poetas e escritores românticos dos séculos XVIII-XX, e finalmente, “apropriado, distorcido e fragmentado pela Indústria Cultural no século XX” (PRYBYISKI, 2008, p. 245).

Ao evidenciar as metamorfoses que a representação do Diabo sofreu no campo das ideologias “sagradas” e “profanas”, percebemos as novas perspectivas na cultura ocidental que tal personagem recebe no espaço literário. Espaços estes, considerados por Harold Bloom (2008, p. 57), livres das amarras dogmáticas teológicas, fazendo com que as representações do Diabo sejam “mais interessantes em contextos literários e visuais do que naquilo que ainda são os textos canônicos da fé cristã”. Porém, por ser a literatura um texto tão dinâmico, há infindas diferenças nas construções das imagens do demônio em cada uma das obras.

A partir da leitura inicial de Machado de Assis (2007), em *A igreja do diabo*, é possível afirmar que ele descreve um demônio com características humanas, o qual goza de um relacionamento amistoso com Deus, a ponto de dialogar com o mesmo acerca de seu plano de abrir uma igreja, ao passo que C. S. Lewis (2017), em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, aparenta descrever um Diabo construído a partir das características opostas a Deus, marcado pela inexistência de contato entre ambos e com uma rejeição tão forte ao Criador que o protagonista do conto nem ao menos pronuncia o nome de Deus, denominando-o apenas como o “Inimigo”.

Considerando, então, que a literatura cria um espaço para desconstruções e reconstruções de personagens religiosos, ocorre uma diversidade de representações, em suas convergências e divergências, da personagem Diabo na literatura, em específico em Machado de Assis e C. S. Lewis, em busca da compreensão das várias facetas do Demônio como “personagem literário” (BLOOM, 2008, p. 14), colaborando para os estudos interdisciplinares que reúnem História, Ciências da Religião, Literatura, Filosofia e Teologia.

Os diabos diferentes nas duas obras, apontam para concepções diversas nos diálogos com o livro sagrado dos cristãos. Se na obra de Lewis, o Diabo orienta seu sobrinho, um demônio mais jovem, nas artes do mal, no conto de Machado de Assis, o Diabo assume uma postura mais desafiadora e provocadora, que não se assusta em se colocar diante do Ser divino e ao mesmo tempo ainda lança diante de Deus

seus novos planos e afirma que permanece estudando a humanidade para saber como lhe causar danos.

O estudo e observação da humanidade estão presentes nos trabalhos aqui analisados, pois Maldonado (o Diabo de Lewis) refere diversas instituições demoníacas para apontar que é necessário paciência, método, estudo e observação cuidadosa dos humanos tentados pelos demônios para que se consiga auferir resultados positivos, que vêm a ser, neste caso, a destruição de suas almas. No mesmo sentido, o Diabo, do conto de Machado, também se mostra um estudioso paciente e um observador atento da humanidade, para que possa desenvolver novas metodologias de trabalho visando afastar os humanos de Deus e arrebatá-los para os caminhos do mal.

Ambos não conseguem resultados positivos, já que a onisciência divina os colocaria sempre alguns passos atrás no conflito entre o Bem e o Mal. A comicidade e ironia estão presentes em Lewis e Machado de Assis, mas em sentidos diferentes, uma vez que o Diabo de Lewis, não consegue sequer fazer referência direta a Deus, enquanto o Diabo de Machado de Assis, não apenas fala com Ele, como também dialoga com os outros seres do paraíso divino e os provoca aos debates.

Bauman & Donskins (2019, p. 16), na introdução de *Mal Líquido*, livro resultante da parceria entre eles, veem o diabo como uma figura que se metamorfoseia ao longo dos tempos, pois “o velho e bom diabo representava a maldade sólida, com sua lógica simbólica da sua busca por almas humanas”, mas que esta personagem com forte presença no cristianismo, pode inclusive desaparecer em períodos mais recentes, dada a liquidez do mal no mundo contemporâneo.

Lewis demonstra no começo de seu livro a preocupação com o desaparecimento do diabo das narrativas cristãs, por acreditar que poderia levar a uma maior fluidez do mal o tornando por demais abstrato, o que poderia facilitar, portanto a oposição ao Bem. O conto machadiano mergulha na possibilidade fantástica do encontro entre seres sagrados e os demônios, para problematizar o Mal, como uma construção das sociedades humanas e não necessariamente advindo de poderes sobrenaturais.

O Diabo de Lewis faz o mal acontecer, mas o Diabo de Machado de Assis, se perde em meio a própria capacidade humana de praticar o mal, nas suas lógicas de organização social e de destruição mútua. São diabos ora diferentes e ora semelhantes, apontando para a importância do estudo sobre os temas cristãos na

literatura, no sentido de compreender não somente universos religiosos, como diferentes práticas presentes nas sociedades humanas que podem encontrar em narrativas religiosas justificativas ou amparo para as suas ações.

### Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *A igreja do diabo. 50 contos de Machado de Assis: selecionados por John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa - Tomo I*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.
- BLOOM, Harold. *Anjos caídos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- BEZERRA, Paulo. Dialogismo e polifonia em Esaú e Jacó. In: *Proceeding XI International Bakhtin Conference*. Curitiba: Fundação Araucária, 2003, p. 2-9. Disponível em [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/62972901/Proceedings\\_XI\\_International\\_Bakhtin\\_Conference\\_220200415-3179-117rdm1.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/62972901/Proceedings_XI_International_Bakhtin_Conference_220200415-3179-117rdm1.pdf). Acesso em 18.ago. 2020.
- BRESSANE, Hugo. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro. Paulinas, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leônidas. *Mal líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- BRUM, Fernando Machado. *Literatura e Religião: estudo de referências religiosas na obra de Machado de Assis*. 2009. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS), Porto Alegre, 2009.
- CARPENTER, Humphrey. *The Inklings: J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis and their friends*. Massachussets-EUA: Houghton Mifflin Harcourt, 1979.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Teologias e Literaturas 3: aspectos religiosos em Machado de Assis*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo entre teologia e literatura*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003.
- EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- ECO, Umberto. *Historia de la fealdad*. Barcelona: Ed. Mondadori, 2007.

ENOQUE, Alessandro Gomes. A alegoria do diabo como crítica irônica ao capitalismo na obra de Machado de Assis. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 91-105, 2023. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/60414/42754>. Acesso em 31. mai. 24.

GASPAR, Igor; GREGGERSEN, Gabriele. *Os Inklings*. São Bernardo do Campo, SP: Trinitas, 2021.

GRÜN, Anselm. *Como lidar com o mal*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEWIS, C. S. *O grande divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

LOVELL, Steven Jon James. *Philosophical themes from C. S. Lewis*. 2003. 217 f. Tese de Doutorado - Department of Philosophy, University of Sheffield, Sheffield, 2003.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MCGRATH, Alister. *C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MCGRATH, Alister. *Surpreendido pelo sentido: ciência, fé e como conseguimos que as coisas façam sentido*. São Paulo: Hagnos, 2015.

MENON, Maurício Cesar. O diabo: um personagem multifacetado. *Revista Línguas e Letras*, Cascavel, n. Especial, p. 217-228, 2008. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1318/1071>. Acesso em 07. abr. 24.

MURDOCH, Iris. *A soberania do bem*. São Paulo: UNESP, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. Baurú, SP: EDUSC, 2002.

NORRIS, Kathleen. Introdução. In: LEWIS, C.S. *Cristianismo puro e simples*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 21-25.

OLIVEIRA, Estela Ramos de Souza; VARGAS, José Ernesto de. De versículo em verso: o diabo vencido na Bíblia e ridicularizado no cordel. *Guavira Letras*, Três

Lagoas-MS, v. 15, n. 29, p. 134-153, 2019. Disponível em <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/766>. Acesso em 05. abr. 24.

PLANTINGA, Alvin. *Deus, a liberdade e o mal*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

PRYBYISKI, Mauren Pavão. *O Diabo como forma de estabelecimento do duplo: uma análise de A igreja do diabo de Machado de Assis*. Ponta Grossa: Uniletras, 2008.

SCHMIDT, Zília Mara Scarpari; SILVA, Edson Rosa da. A igreja do Diabo e o discurso do carnaval. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, v. 27, p. 51-68, 1978. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19446/12709>. Acesso em 20. dez. 23.

SCUTARI, Pâmela Rodrigues. Ironia e leitor do texto literário: uma investigação a partir de Screwtape letters, de C. S. Lewis. *Palimpsesto*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 32, 2020, p. 316-336. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/44900>. Acesso em 04 mai. 24.

SILVA, Ricardo Gomes da. A representação do Diabo no conto A Igreja do Diabo de Machado de Assis e no romance *Grande sertão veredas*, de Guimarães Rosa. In.: MAGALHÃES, A. (Org.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012., p. 255-262.

SOUSA, Hélen Suzandrey Maia. *O pacto transtexto-discursivo com a religião no conto a Igreja do Diabo, de Machado de Assis*. 2016. 85f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Estadual do Pará (UEPA), Belém, 2016.

VASCONCELOS, Márcio Simão de. Mística em C. S. Lewis: Experiência e literatura. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 42, 2012. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22315/22315.PDF>. Acesso em 04. mai. 24.

VITIELLO, Vincenzo. Deserto, éthos, abandono: contribuição para uma topologia do religioso. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (org.). *A religião*. São Paulo: Liberdade, 2008, p. 151-188.